

IGREJA MATRIZ DE PENUDE

IGREJA DE SÃO PEDRO

Acesso

Na EN 2, ao Km 108,4, para EM 538, a 50 metros

Descrição

Planta longitudinal, composta por nave, capela-mor mais estreita, torre sineira, sacristia e Casa da Fábrica, adossados ao lado direito, de volumes articulados e escalonados, com disposição horizontalista das massas, cortada pelo corpo da torre, e coberturas diferenciadas em telhados de duas águas e em coruchéu piramidal na torre. Fachadas rebocadas e pintadas de branco, percorridas por embasamentos de cantaria, salientes, flanqueadas por cunhais apilastrados, firmados por pináculos bolbosos e rematadas em entablamento. Fachada principal orientada, com empena recta, alteada na zona central, rematada por frontão recortado, com aletas laterais, fragmentos de cornija e, ao centro, cruz latina sobre plinto paralelepípedo; é rasgada por portal de verga recta, com moldura simples de cantaria, flanqueado por pilastras de fuste liso e capitel coríntio, sobre plintos galbados, que sustentam entablamento, ornada por enorme acantos, e por frontão semicircular, interrompido; está encimado por óculo circular com moldura simples de cantaria, que provoca o alteamento da cornija. No lado direito e em plano ligeiramente recuado, sineira de dois registos divididos por entablamento, o inferior cego e o superior com quatro ventanas em arco de volta perfeita assentes em impostas salientes e rematado em entablamento com pináculos bolbosos nos ângulos. O acesso processa-se pela face posterior, através de porta de verga recta e moldura simples em plano elevado, à qual conduz escadaria de um lanço, com guarda de cantaria tendo arranque volutado. Fachada lateral esquerda, virada a S., com porta de verga recta e moldura simples, encimado por frontão contracurvado, encimado por três janelas octogonais com molduras simples e protegidas por grades etálicas; no corpo da capela-mor, surgem duas janelas com topos curvos, rematadas por cornija e com grades de ferro, e pequena fresta com moldura de cantaria, com os extremos formando pequeno... Fachada lateral direita, virada a N., com porta travessa e duas janelas semelhantes à anterior, surgindo uma terceira janela com o mesmo perfil, mas jacente, sobre o corpo da sacristia, rasgado por porta de verga recta na face E., por duas janelas rectilíneas na N. e por porta parcialmente entaipada e transformada em janlea na face O.; a capela-mor possui fresta semelhante à da fachada oposta. Fachada posterior em empena cega com cruz latina no vértice, sobre plinto galbado, sendo visível a empena do arco triunfal, também com cruz.

INTERIOR rebocado e pintado de branco, percorrido por azulejos de padrão policromo, formando silhares, com pavimento em lajeado de granito e cobertura em falsa abóbada de berço abatido de madeira, assente em cornija de cantaria e com pintura decorativa, formando sucessivos apainelados de cor azul e bege, tendo, ao centro, cartela enrolada, recortada e ornada por concheados, rosetões e festões que envolvem a

imagem do orago; as janelas estão decoradas com vitrais modernos em estilo algo naif. Coro-alto apoiado em arco de asa de cesto, com fecho saliente e volutado, assente em modilhões laterais, com guarda balaustrada de madeira e acesso por porta de verga recta no lado da Epístola; no lado oposto, órgão de armário, com remate em urnas, festões e elementos fitomórficos. O portal axial, protegido por guarda-vento de madeira e vidro colorido, e as portas travessas estão ladeados por pias de água benta hemisféricas, embutidas na parede, dando origem a pequeno nicho. No sub-coro, no lado da Epístola, baptistério inserido na base da torre, com acesso por arco de volta perfeita.

Confrontantes, dois confessionários embutidos na parede, com portadas de madeira, formando falso tímpano na zona superior; também confrontantes, dois amplos nichos em arcos de volta perfeita com moldura de cantaria, contendo mísulas com imaginária, ladeado por nichos de volta perfeita para alfaias. No lado da Epístola, púlpito quadrangular, assente em mísula de cantaria, com guarda plena de talha policroma ornada por cartelas concheadas e encimado por baldaquino do mesmo material, sobrepujado por anjo músico, com acesso por porta de verga recta com moldura entalhada, ornada por acantos, a partir da Casa da Fábrica. Arco triunfal de volta perfeita assente em pilastras toscanas e encimado por tarja de talha dourada, flanqueado por retábulos de talha policroma, dispostos em ângulo e dedicados ao Crucificado (Evangelho) e ao Sagrado Coração de Jesus (Epístola). Elevada por um degrau, a capelamor com paredes e pavimento semelhantes aos da nave, tendo cobertura em falsa abóbada de berço de madeira, assente em friso e cornija e com tirantes metálicos, apresentando pintura decorativa formando apainelados recortados nos ângulos e, ao centro, a representação de um anjo que incenseia uma custódia entre glória de querubins, ladeado por troféu de elementos religiosos. Sobre supedâneo de dois degraus, retábulo-mor de talha policroma, com marmoreados fingidos rosa, verde, azul e dourada, de planta côncava e um eixo definido por duas colunas de fuste liso, percorridos por espira fitomórfica, assente em plintos galbados; ao centro, ampla tribuna em arco de volta perfeita, com moldura e sacrário na base, tendo o fundo pintado a imitar brocados, cobertura em caixotões e trono expositivo de três degraus; encontra-se flanqueado por mísulas sublinhadas por apainelado curvilíneo, encimado por acanto, formando falso baldaquino; altar em forma de urna, flanqueado por portas de volta perfeita, de acesso à tribuna, tendo, em frente, a mesa de altar, em cantaria e assente em duas colunas. No lado da Epístola, porta em arco abatido de acesso à sacristia.

Descrição Complementar

Os retábulos colaterais são semelhantes, de talha policroma, com marmoreados fingidos verde, azul e rosa e dourada, de planta convexa e um eixo definido por duas colunas de fuste liso assentes em plinto paralelepípedo com as faces ornadas por motivos vegetalistas, com nicho central de perfil contracurvado, com ampla moldura em todo o perímetro, contendo os fundos pintados a imitar brocados; remata em duplo espaldar, o inferior com resplendor e remate em cornija contracurvada, de inspiração borromínica, e o superior, mais estreito, recortado, encimado por cornija e motivos fitomórficos; altar em forma de urna. Junto ao do lado da Epístola,

um órgão eléctrico. Na capela-mor, duas credências de taha policroma. Órgão positivo com caixa decorada e com cinco registos.

História

A primeira ermida em honra de S. Pedro foi construída no local da actual igreja, entre os séculos VI e VII. Este primeiro templo acabou por dar nome ao lugar que, desde então, se passou a chamar aldeia de S. Pedro ou Monte de S. Pedro.



Não sabemos se esta primitiva ermida foi destruída ou entrou em ruína durante a ocupação muçulmana. O que é certo é que, após a reconquista, no mesmo local, foi edificado um templo mais amplo, embora de menores dimensões que o actual. O edifício situava-se no mesmo local da hodierna igreja. O adro permaneceu, durante muito tempo, sem vedação, o que acabou por dar origem a

frequentes problemas com passagem de águas e de animais. Na verdade, o adro da igreja era mesmo usado como logradouro ou eira pública. O próprio abade mereceu, em 1675, a repreensão do bispo Dom Frei Luís, por usar o adro para amassar o linho e prender a mula à parede da igreja. Para impedir tais abusos, em 1860, iniciou-se a construção de uma vedação que, talvez por ser às custas do povo e contra os hábitos arreigados, só ficou concluída em 1697.

Sabemos que em 1686 já tinha sido colocada a pia baptismal e respectiva grade protectora. Em Abril de 1692, concluíram-se os trabalhos de ensablagem; e em 1695 deram-se por concluídos os trabalhos de douramento. Também por esta altura, finais do século XVII, procedeu-se à ampliação da sacristia e construção do adro, pelo Pároco, Padre Pimentel.

Com o andar do tempo, este espaço de culto foi-se tornando acanhado e, com o aumento da população durante o século XVIII, o templo deixou de poder acolher sob o seu tecto toda a população crente local. Em Novembro de 1713 o Dr. Domingos de Freitas Barreto, em auto de visitação, ordena a execução de raiz, no prazo de um ano, de um novo templo, já que o anterior ameaçava ruir. Esse antigo templo, erecto no mesmo lugar da antiga ermida de São Pedro, era mais baixo e estreito que o actual, tinha a fachada principal voltada a Oeste e sineira com acesso por uma escada móvel; todo o pavimento estava coberto de sepulturas com tampas de madeira e rebordos de pedra; para além do altar-mor, existiam mais dois nos ângulos do cruzeiro, dedicados a Nossa Senhora do Rosário, tendo uma imagem de Santa Bárbara, e a Cristo Crucificado; não existindo sacristia guardavam-se as alfaias religiosas em caixotões encostados à parede.

Em 1713 foi demolida a velhinha ermida de S. Sebastião que se encontrava poucos metros a norte da actual Igreja e se encontrava, já no século XVII, em estado de abandono. No mesmo ano projectou-se a edificação de um novo templo. O grande desenvolvimento da freguesia tornou insuficiente o espaço da velha igreja e obrigou à construção dum novo edifício mais amplo e mais sólido. Perante tal necessidade, a 22 de Novembro de 1713 o Visitador Dr. Domingos de Freitas Barreto, governador do bispo Dom Nuno

Álvares Pereira de Melo, ao ordenar a demolição da capela de S. Sebastião, anunciava também o projecto de construir a nova igreja.

O país vivia então um período de prosperidade económica, sob o reinado de D. João V. Também em Penude se fizeram sentir os benefícios dessa boa maré, como o ilustram as palavras do Visitador D. Nuno Álvares Pereira de Melo:

«Achey que a igreja desta freguesia necessitava de ser feita de novo por estar já muito velha e endecente e quase amiassando ruína, pelo que mando se derrube a que está no que respeita ao corpo da igreja, ficando a capella major em pee para nella se celebrar encoanto se não faz o dito corpo da igreja para depois se entrar com a obra da capella mor que se acrescentará mais oito palmos ou o que for necessário para ficar lugar de se pôr tribuna no altar major, sem que se diminua o corpo da capella major».

Segundo os planos, tudo deveria estar acabado dentro de um ano, mas passaram-se 35 anos antes que as obras se iniciassem. Tal demora deveu-se à oposição do povo que queria que se comesçassem as obras pela capela-mor para, depois, prosseguir o resto do edifício. Isto porque as obras da capela-mor decorriam por conta do abade, enquanto o corpo da igreja se faria com dinheiros das confrarias. Este jogo do empurra “começas tu, começo eu” levou ao adiamento do projecto por mais de 30 anos e só em 1748 se decidiu que as obras avançassem, devendo o abade começar por dar o exemplo ao povo para que este cumprisse também a sua parte. Ficou estabelecido o prazo de dois anos para a conclusão das obras. A sagração do templo teve lugar, ao que parece, no ano seguinte, mas as obras levaram continuaram por muito mais tempo. Em 1748 as obras estavam concluídas.

Talvez por influência do templo de Nossa Senhora dos Remédios, contemporâneo da actual igreja de Penude, o plano inicial foi alterado, ficando a fachada voltada para nascente, enquanto o antigo templo estava orientado para poente. Em 1758, o abade Veríssimo António Carvalho, a quem coube a honra de ter concluído e inaugurado a nova igreja, informou-nos de que, além do altar-mor, tinham sido construídos mais quatro altares laterais: dois dedicados à Senhora do Rosário e ao Senhor Jesus (correspondentes aos do templo primitivo) e outros dois dedicados ao Senhor crucificado e à Senhora da Guia. Sabemos, porém, que, em 1760, a tribuna do altar-mor em talha de corte neoclássico, assim como a sacristia ainda estavam por concluir, pois só 4 anos mais tarde ficariam acabados. São da mesma época e estilo o púlpito e a cadeira paroquial.

No século XIX foram abertas as frestas na capela-mor e foi reformada a torre sineira. Foi no tempo do Pe. Manuel Rodrigues Borges que se procederam a alguns significativos melhoramentos: soalhamento, escada de pedra de acesso à torre, mudança de entrada que se fazia pela sacristia, inauguração do altar-mor de pedra, obra do artista de Avões, Atur Fausto que é também o autor da estátua de S. Pedro que se encontra na pia baptismal que veio substituir o antigo crucifixo que aí se encontrava e que passou para o altar-mor (recentemente substituído por um crucifixo menor; substituição da grade de madeira do baptistério por portões de ferro; remoção de dois altares laterais; novo sacrário executado pela Casa Vouga

de Lamego; lampadário (do santíssimo); canalização de água para a sacristia.

O órgão de tubos que ainda pode ser apreciado no coro e que foi usado até aos anos 70 do século XX foi montado em 1805. No tempo do pároco Cónego José Germano Lopes, foram colocados os vitrais.

Tipologia

Arquitectura religiosa, barroca e rococó. Igreja matriz de planta longitudinal composta por nave, capela-mor mais estreita, sacristia, Casa da Fábrica e torre sineira adossadas ao lado direito. Coberturas interiores diferenciadas em falsas abóbadas de berço de madeira, com perfil abatido na nave, assente em cornija e com pintura decortiva novecentista, iluminada uniformemente por amplas janelas rectilíneas rasgadas nas fachadas laterais. Fachada principal em empena recta, encimada por frontão recortado, com os vãos rasgados em eixo composto por portal de verga recta, flanqueado por pilastras e remate em frontão interrompido, e por óculo circular. Fachadas circunscritas por cunhais apilastrados, formados por pináculos e rematadas em entablamento, as laterais com portas travessas de verga recta, rematadas em frontão. Torre sineira de dois registos, o superior rasgado por ventanas em arco de volta perfeita e coberta por coruchéu piramidal. Interior com coro-alto assente em arco em asa de cesto, com baptistério na base da torre e púlpito no lado do Evangelho, com acesso pela casa da fábrica. Arco triunfal de volta perfeita, flanqueado por retábulos de talha policroma com marmoreados fingidos, do estilo rococó, dispostos em ângulo. Retábulo-mor do mesmo estilo.

Características Particulares

Portal bastante elaborado, com remate em entablamento com enorme acanto no centro, encimado por frontão interrompido, de inspiração borromínica, revelando a sua execução no final do século XVIII. As frestas da capela-mor, com molduras em bico curvo, indiciam feitura já no século XIX. 19, contrastando com as elegantes janelas com os topos curvos da capela-mor e com os amplos janelões de perfil octogonal da nave. O arco de sustentação do coro-alto apoia-se em modilhões e, sobre este, surge órgão de armário, datável do final do século XVIII. Dois amplos nichos de volta perfeita, indiciam a existência de antigos altares laterais, actualmente com mísulas e imaginária. As estruturas retabulares apresentam marmoreados de qualidade, de estrutura côncava e com amplos nichos, no caso do mor, com ampla tribuna, flanqueada por mísulas, formando um único eixo; os colaterais rematam em duplo espaldar, o superior recortado e ornado por acantos e o inferior de inspiração borromínica.

Bibliografia

COSTA, M. Gonçalves da, Paróquias Beiraltinas, Penude e Magueija, Lamego, 1975; COSTA, M. Gonçalves da, História do Bispado e Cidade de Lamego, vols. III, V e VI, Lamego, 1982 a 1992; VALENÇA, Manuel, A Arte Organística em Portugal, vol. II, Braga, 1990; LARANJO, F.J. Cordeiro, No Compasso do Concelho (24 Freguesias), Lamego, 1995; TAPADINHAS, Maria Albertina, "Lamego medieval", in O Compasso da Terra - a arte enquanto caminho para Deus, vol. I, Lamego, Diocese de Lamego, 2006.

Autor Data

João Carvalho-Isidro Lamelas 2002-2009

CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Outeiro Penude

Acesso

Ao Km 111,5 da EN 2, para caminho público; a 500 m, no Largo do Outeiro

Descrição

Planta longitudinal composta por nave única, flanqueada por duas torres sineiras quadrangulares, e por sacristia adossada ao lado direito, de volumes articulados e disposição verticalista das massas na fachada principal, com cobertura homogénea em telhado de duas águas, que se prolonga em aba sobre a sacristia; as torres são cobertas em terraço. Fachadas em cantaria de granito aparente, percorridas por embasamento saliente, com cunhais apilastrados e rematadas e friso saliente e cornija. Fachada principal voltada a SE., harmónica com corpo central em empena com cruz no vértice, rasgada por portal escavado de volta perfeita e moldura saliente, encimado por silhar com cruz e por relógio circular, flanqueado por dois óculos também circulares, todos com molduras recortadas formando triângulos, unidas entre si; são sobrepujados por livro aberto, em cantaria. Em plano ligeiramente mais recuado, duas torres sineiras de três registos divididos por frisos de cantaria, os dois inferiores cegos e o superior com quatro ventanas de volta perfeitas, coroadas por friso e merlões; nas faces posteriores, apresentam portas de volta perfeita de acesso ao interior. Fachada lateral esquerda, virada a SO., rasgada por porta de volta perfeita junto à sineira e, em posição centralizada, porta travessa de verga recta, e ainda, dois janelões rectilíneos, todos com molduras de cantaria salientes. Fachada lateral direita, virada a NE., com porta de volta perfeita junto à torre e duas janelas rectilíneas, surgindo, no corpo da sacristia, de dois pisos, duas portas de verga recta, uma delas elevada e com acesso por escadas, na face SE., e duas janelas rectilíneas sobrepostas, a inferior com grades e a superior com caixilharia de guilhotina. Fachada posterior em empena cega com cruz latina no vértice e pináculos cónicos sobre os cunhais.

INTERIOR rebocado e pintado de branco, excepto na zona do sub-coro, em cantaria de granito aparente, em aparelho isódomo, percorrido por lambril de cantaria, com pavimento de madeira e corredor central em lajeado, tendo cobertura em falsa abóbada de berço abatido de madeira, em caixotões pintados de azul, assentes em cornija do mesmo material e com tirantes. Coro-alto em estrutura de cimento armado, assente em mísulas de cantaria com guarda balaustrada de madeira e acesso por porta de verga recta no lado do Evangelho, através da torre. O portal axial e a porta travessa encontram-se ladeados por pias de água benta hemisféricas, em cantaria. No lado do Evangelho, púlpito quadrangular com guarda plena de madeira e acesso por porta de verga recta a partir do segundo piso da sacristia. A parede testeira encontra-se totalmente ocupada por retábulo-mor de talha pintada de bege, branco e dourado, de planta recta e cinco eixos definidos

por duas colunas coríntias e quatro torsas, ornadas por pâmpanos, todas assentes em duas ordens de plintos paralelepípedicos, os superiores ornados por motivos fitomórficos; o eixo central é formado por nicho côncavo de volta perfeita, com fundo pintado de azul e contendo trono de cinco degraus, na base do qual surge sacrário embutido, em forma de templete poligonal, fanqueado por colunas torsas e com a porta ostentando Cristo redentor; as duas colunas interiores prolongam-se numa arquivolta torsa, encimada por tabela rectangular horizontal, flanqueada por quarteirões e moldura recortada, contendo a pomba do Espírito Santo pintada; os eixos laterais possuem mísulas com imaginária. Altar paralelepípedo, surgindo, sob os eixos extremos, portas de perfil contracurvado de acesso à zona posterior do altar.

História

Idade Média - há notícia da construção de uma capela em honra do Bispo de Tours, São Martinho, no mesmo local da actual. Inexplicavelmente não existe rasto da imagem ou culto do antigo orago S. Martinho.

Em meados do século XVII, um grupo de devotos de Nossa Senhora do Rosário, entronizou um altar com a imagem dessa invocação, que posteriormente ocuparia o lugar do antigo orago, alterando-se por isso o nome da capela para o actual; provável ampliação da primitiva capela.

Nos documentos oficiais, a primeira vez que aparece a referência à *Capela de Nossa Senhora do Rosário do Outeiro* é na visita à paróquia feita pelo chantre Dr. Geminiano Henriques de Almeida, natural de Lazarim. Este, entre outras disposições, lembrou aos mordomos a obrigação de reparar a «vestimenta verde», concertar as vidraças e pintar os lados laterais da tribuna onde se encontravam as imagens, visto haver dinheiro suficiente para este efeito.

Sabemos que em 1701 se construiu um retábulo em talha e é noticiado que se costumava recitar publicamente o terço na capela aí situada. Na festa de 15 de Agosto, fazia-se a exposição do Santíssimo Sacramento num relicário ao peito da imagem do orago.

Em 1865, quando os mordomos apresentaram o requerimento ao bispo para a realização da festa, D. António da Trindade, por provisão datada de 7 de Agosto, suprimiu o antigo costume de se fazer a exposição do Santíssimo num relicário pendente do pescoço da imagem. A partir de então, a exposição far-se-á, numa custódia, ao meio da tribuna, rodeada de umas 40 velas.

Em 1916, quando era pároco o Pe. Manuel Gonçalves da Costa, foi instalado o carrilhão de 18 sinos que fora fundido para o santuário de Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego, e que foi rejeitado, em 19 de Dezembro de 1916, pela Mesa daquela Irmandade, acabando por ser comprado pela população, para a capela do Outeiro.

Já no século XIX o templo sofreu uma remodelação na fachada principal.

Tipologia

Arquitectura religiosa, maneirista e revivalista neoromânica. Capela de planta longitudinal de nave única, flanqueada por torres sineiras e com sacristia adossada à fachada lateral direita, com cobertura interior em falsa abóbada de berço abatido de madeira, em caixotões, iluminada por amplas

janelas rectilíneas rasgadas nas fachadas laterais. Fachada principal harmónica, de solução neoromânica, com corpo central em empena, rasgado por portal escavado em arco de volta perfeita, flanqueado por torres de ventanas de volta perfeita, coroadas por merlões.

Fachadas rematadas por friso e cornija, a lateral esquerda rasgada por porta travessa de verga recta. Interior com coro-alto, púlpito no lado do Evangelho e retábulo-mor de talha pintada, de estilo barroco.

Características Particulares

A fachada principal foi muito alterada no final do século XIX ou início do XX, com a supressão do primitivo exonártex, com abertura central e duas laterais, transformadas em portas travessas, em arco de volta perfeita, sobre o qual existiria uma torre, conforme outros exemplares na região; foi feita uma fachada harmónica, de inspiração românica, com duas torres sineiras semelhantes a torreões românicos que ladeiam o corpo principal do imóvel; este possui dois óculos e relógio circulares, todos de igual diâmetro e no mesmo plano, contornados por molduras ornadas por triângulos, encimados livro aberto, perto do remate da empena.

No interior, destaque para o retábulo-mor, que reaproveita elementos de uma estrutura maneirista, com remate em tabela flanqueada por quarteirões e sacrário embutido, em forma de templete, e elementos de uma estrutura do estilo barroco

nacional, visível nas colunas torsas ornadas por pâmpanos e na arquivolta que envolve o nicho central.

Bibliografia

COSTA, M. Gonçalves da, Paróquias Beiraltinas, Penude e Magueija, Lamego, 1975; COSTA, M. Gonçalves da, História do Bispado e Cidade de Lamego, vols. II, III e V, Lamego, 1979 a 1986; LARANJO, F. J. Cordeiro, No Compasso do Concelho (24 Freguesias), Lamego, 1995; Dicionário enciclopédico das freguesias, vol. III, Matosinhos, 1997, p. 576.

Autor Data: João Carvalho – Isidro Lamelas 2002-2009

CAPELA DA EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ

Capela da Matancinha - Penude



Acesso

Em Penude, pela EN 2, no lugar de Matancinha, a cerca de 70 m da EN; Gauss: M- 222.498 m, P- 454.749 m, CMP, Fl. 137

Descrição

Planta em cruz latina, composta por nave, transepto saliente e capela-mor pouco profunda, de disposição horizontalista das massas, com correspondência entre exterior e interior e cobertura homogênea de oito águas. Fachadas em cantaria granítica aparente com aparelho isódomo, percorrida por embasamentos de cantaria e remates em friso e cornija saliente em papo de rola, suportando cruzes de secção octogonal sobre os cunhais e empenas. Fachada principal, voltada a O., rasgada por portal em arco abatido moldurado contendo friso com a seguinte inscrição: TERRIBILIS EST LOCUS ISTE.

Sobrepujam o portal duas lápides contendo inscrições: "IHS" e "C", e porta de duas folhas, tendo disposta em cruz nos seus madeiramentos com inscrição: CRUX AVE SPES ÚNICA * LOCUS ISTE QUODAM * METUENDUS EST.



Sobrepujam o portal duas outras lápides contendo inscrições, A primeira com um baixo-relevo alusivo a uma Cruz radiante, contendo ao centro a inscrição, e que nasce, na aparência, de uma roseira, dispendo-se em volta dela nova inscrição e, entre dois dos caules volutados da roseira, um alfa e um ómega, este último invertido; O VOS OMNES QUI TRANSITIS PER VIAM ATTENDITE ET VIDETE SI EST DOLOR SICUT DOLOR MEUS. Na lápide sobreposta em forma de pergaminho, pode ler-se: OPERAM NON PERDIT / QUI DEO LABORAT / (PIO IX) * * * * * / OS FUNDADORES DESTA / CAPELLA RESOLVERAM / DEDICALA A S. CRUZ DE / JESUS FONTE PERENNE / DE INNUMERAS GRAÇAS / DANDO PRINCIPIO AOS / SEUS TRABALHOS A 15-4-1917 / SALVE O CRUZ / PRECIOSA.

A fachada lateral esquerda virada a N., rasgada, Na nave, por duas janelas gradeadas em forma de cruz latina com moldura de cantaria saliente e, na capela-mor e faces E. dos braços do transepto por janela idêntica. No transepto, surge, na face O., pórtico com vão de arco abatido sobrepujado por inscrição: HIC EST DOMUS DEI. No topo do transepto, duas lápides: a inferior com a gravação de três cruzes (a de Cristo e dos dois ladrões) contendo, cada uma delas, uma inscrição: Sta HELENA SALUTAREM

CRUCEM QUAESIVIT ET INVENIT: 1: C. BONI L.= POENITENTIA; 2. C. JESU C. = INFINITUS AMOR; 3. C. MALI L. = DESPERATIO.

A lápide superior contém uma planta do recinto da capela e uma inscrição picada e ilegível. Inicialmente, para esta lápide estava prevista a seguinte inscrição: «FORAM FUNDADORES DESTA CAPELA O P. MANUEL GONÇALVES DA COSTA, P. ALBINO ALVES PEREIRA E O P. JUSTINO AUGUSTO DE FREITAS». Mas com os desentendimentos que se foram agravando, o P. Costa desaprovou tal memória, e o próprio P. Justino pegou num cinzel, subiu a uma escada e apagou todas as letras, como se pode ainda hoje perceber.

Numa lápide inferior, que encima a inscrição do arco da porta, lê-se a seguinte epigrafia: AVE O CRUX SANCTIOR UNIVERSIS / CRUX STATIN EAM / SANAVIT TUAM CRUCEM / ADORAMUS DOMINE / O CRUX AVE SPES / UNICA.

Fachada lateral direita virada a S., idêntica à oposta, encontrando-se, na face O. do braço do transepto e sobre o pórtico, inscrição: HIC EST PORTA COELLI ; e, em plano superior, uma lápide contendo um "IHS" estilizado, em baixo relevo, e em volta a inscrição: PER SANCTAM CRUCEM / LIBERATI SUMUS / ARBOR ORNATA REGIS PURPURA / CRUX AB OMNIBUS VENERATUR / REGNAVIT A / LIGNO DEUS".

A lápide superior contém dois ramos de rosas, duplamente cruzados, desenvolvendo-se, à sua volta, com a inscrição: A 1ª PEDRA FOI ASSENTE NO DIA DA EXALTAÇÃO DA Stª CRUZ 14-9-1917.

No topo do transepto, outra lápide com a seguinte inscrição: CRUX JESU O PLEBEUS AMICTUS AVE, e em sua volta desta inscrição: NOS AUTEM / GLORIARI OPORTET IN CRUCE DOMINI / NOSTRI / JESU CHRISTI CUIUS / EST / SALUS VITA ET RESURRECTIO NOSTRA PER QUEM / SALVATI ET LIBERATI SUMUS AVE CRUX.

A Fachada posterior em empena, com duas lápides sobre pequena fresta moldurada, uma delas com motivos geométricos simbolizando o sol, a lua e 12 estrelas, com inscrições: MULIER AMICTA SOLE ET LUNA / SUB PEDIBUS EJUS ET IN O CAPITE EJUS CORONA STELARUM DUODECEM; A MAE DE DEUS PISOU TODOS / OS VICIOS VESTIU-SE DE TODAS AS DORES E COROOU-SE COM TODAS / AS VIRTUDES. Sobre esta lápide, uma outra mostra-nos, em baixo-relevo, uma cruz rodeada por um ramo florido de onde nascem seis pequenas cruces, contendo inscrição: COLOCOU-SE A PRIMEIRA CRUX / NESTA / CAPELA / DA St. CRUX / NO / AVE O CRUX / JESUS - 14-9-1917.

INTERIOR rebocado e pintado de branco, com elementos estruturais em cantaria granítica, com cobertura de madeira



em masseira com molduras compondo caixotões, com medalhão central no cruzeiro. Na grande cruz do teto podemos ler a seguinte inscrição: No interior, inscrições pintadas nos panos centrais incluem as seguintes expressões: CRUX REGNAT, CRUX REPELLIT OMNE CRIMEN, O CRUX ADMIRABILIS RESTITUTIO SALUTEM. No grande medalhão central no qual se cruzam os

braços desta cruz, temos uma tela cuja pintura hoje imperceptível, deveria fazer referência ao batismo, sacramento que, segundo a tradição, nasceu da Cruz de Cristo.

O pavimento constituído por lajes de granito cobertas com madeira corrida. Coro-alto constituído por placa de betão, ao qual se acede por escada em caracol do mesmo material. No transepto, do lado do Evangelho, um altar composto por retábulo de madeira pintada de branco, de planta recta de três eixos divididos por pilares almofadados contendo três pinturas a óleo, alusivos à Paixão de Cristo, a São Pedro e a Santo André, com molduras douradas compostas por profusão de pontas de diamante. Do lado da Epístola, altar semelhante com três pinturas, uma alusiva ao "Achamento da Cruz" (*inventio crucis*) e dois santos laterais. O retábulo-mor, com trabalhados e lavrados em talha dourada, tem pinturas a óleo, alusivas à "Deposição de Cristo no túmulo" e dois santos (Pedro e André) crucificados. Nesta tela pode ler-se a seguinte inscrição: O VOS OMNES QUI TRANSITIS PER VIAM ATTENDITE ET VIDETE SI EST DOLOR SICUT DOLOR MEUS, e em campo as iniciais: "SPQR", "JNRJ", "MVRM". Os plintos contêm as letras "A", "M", "O" e "R", e remata em entablamento e cornija saliente inferiores sobre friso em dentilhão. O ático é recortado por três arcos de volta perfeita que rematam cada um dos eixos verticais, sendo compostos por pequenas molduras de forma semicircular onde se encontram apostas cruces floridas. Sobre a banquetta, um sacrário de talha dourada, com motivos fitomórficos insculpidos, delimitado por colunas estriadas e rematadas por pináculos, e um Cristo crucificado assente sobre um "Agnus Dei". Duas portadas laterais com cruces radiantes em talha dourada e contendo, ao centro, a expressão "IHS", inserem-se na estrutura do retábulo permitindo o acesso à estreita sacristia que se localiza em plano posterior ao do altar. O ANEXO, de planta rectangular, é composto pelo corpo de sete pequenas capelas, adossadas lateralmente, e por duas torres sineiras nos seus extremos. As coberturas das capelas são compostas por lajes graníticas enquanto que as torres sineiras possuem coberturas de forma cruciforme de cantaria de oito águas, formadas por cunhas dispostas em empena em todos os alçados. Fachada voltada a O. composta pelas sineiras, unidas pelo corpo da sete capelas, em aparelho isódomo de cantaria.

Nos panos das sineiras, idênticos, rasga-se, em plano intermédio, porta em arco abatido com moldura saliente, antecidos por escadaria de dez degraus, e, no registo superior, ventana em arco abatido. Nos panos das pequenas capelas, rematados por cunhas de granito salientes dispostas em empena, rasgam-se sete portas, nos braços inferiores das cruces formadas pela moldura de cantaria saliente. Fachadas N. e S.

das sineiras compostas por janela em arco abatido entaipado, ao nível do piso intermédio, e, no registo superior, por ventana de arco abatido. Remates compostos por cunhas salientes dispostas em empena. Fachada posterior cega nos registos inferiores e rasgada, no piso superior das sineiras, por ventana de vão abatido e remate composto por cunhas dispostas em empena. Na sineira S., rasga-se porta em arco abatido de acesso ao passadiço que se forma sobre as capelas em plano posterior às suas empenas. Um pequeno carrilhão composto por três sinos pende das ventanas da torre sineira.

Arquitecto | Construtor | Autor

ARQUITECTO: Padre Justino Augusto de Freitas

CINZELADOR: António "Fivelas", de Cambres.

PEDREIRO: Hipólito e seus dois filhos, de Magueija;

CARPINTEIROS: Augusto Paulo e "Lamelas", de Matança.

História

A 24 de Julho de 1867, nasceu Justino Augusto de Freitas, filho de José Casimiro Granginho e de D. Guilhermina Augusta de Freitas, rimo direito do Padre Manuel Gonçalves da Costa, abade de Penude. Em 18 de Fevereiro de 1910 foi nomeado capelão de Nossa Senhora do Outeiro, em Penude, cargo que manterá até ser suspenso, pouco antes da sua morte, ocorrida em 11 de Novembro de 1935.

A partir de 20 de Junho de 1912 começa a celebrar 2.^a missa, aos domingos e dias santos, na capela de São Silvestre de Quintela. A grande devoção do povo de Matancinha, que costumava rezar o terço, e ocasionalmente praticar outras devoções, em volta do velhinho cruzeiro (séc. XVII) do Senhor Crucificado, que se encontrava num pequeno largo a meio da povoação, deverá estar na origem da ideia de erigir uma capela, projecto que logo foi perfilhada pelo Padre Justino. Ele próprio, entusiasmado pela ideia, traçou a planta "gravando-a à navalha num cepo de castanho". O esboço assim concebido seria algo muito semelhante que que podemos ver numa das lápides da parede exterior.

A pedra foi cortada na lombada fronteira, entre Camba e a ponte de Reconcos, onde se pode observar a chamada "Cruz do Padre Justino", cravada sobre um penedo ovalado, numa face do qual foi gravada a inscrição: ESTA CRUZ FOI FEITA A 30/X/1917. Ó BOA CRUZ, POR TI ME RECEBA QUEM POR TI ME REMIO. S.to ANDRÉ; e na outra face do mesmo penedo: SALVE, Ó CRUZ PRECIOSA.

Os terrenos para a construção do templo foram oferecidos por Avelino Capela e pelo Padre Albino Alves Pereira (tio do falecido Pe. Manuel Gonçalves Pereira). A 15 de Abril de 1917, iniciaram-se os trabalhos para edificação da capela (data registada numa das cartelas insertas na fachada principal). A 14 de Setembro de 1917 foi colocada a primeira pedra (de acordo com a inscrição contida numa cartela do braço lateral direito da capela).

As obras ficaram a cargo dos pedreiros Hipólito e filhos, de Magueija, dos carpinteiros Augusto Paulo e "Lamelas", de Matança, sendo o cinzelador António "Fivelas", de Cambres. Foram encomenda as telas pintadas a mestres portuenses, através de Luís de Freitas, irmão do Padre Justino.

Em 1921 a obra encontrava-se concluída, faltando, no entanto, a concessão da licença para a sagração da capela; devido a esse facto o Padre Justino e seus seguidores decidem formar uma "Sociedade de Culto", com escritura pública comercial firmada com mais de 100 assinaturas, lavrada por notário da Avenida da Boavista, no Porto, de nome Sancho.

Seguiram-se tempos de incerteza quanto à sagração da capela, devido às dissidências havidas entre o capelão e o abade de Penude, Padre Manuel Gonçalves da Costa, que não tinha, anteriormente, aprovado a colocação do seu nome em lápide a consagrar a erecção da capela, tendo o Padre

Justino picado todas a letras da referida inscrição (resultado que se pode ainda hoje ver).

A 30 de Outubro de 1924, o prelado, na pessoa do bispo coadjutor D. Agostinho, envia ao pároco de Penude, Padre Costa, a minuta do decreto de consagração, após ter conseguido o compromisso, de uma comissão representativa da "Seita" (adeptos do Pe. Justino), de que seriam respeitadas todas as leis eclesiásticas referentes a capelas públicas, incluindo a condição de a capela ficar sujeita à jurisdição do legítimo pároco da freguesia, exigindo, ainda, a dissolução da "Sociedade", desistindo posteriormente dessa formalidade devido às dificuldades legais daí decorrentes.

A 4 de Novembro de 1924, foi publicado o decreto a autorizar a bênção da capela de Matancinha e nos inícios de Janeiro de 1925 teve lugar a cerimónia de sagração e bênção da capela da capela da Exaltação da Santa Cruz, com exclusão das construções anexas.

No dia 21 de Junho de 1928, foi publicado o "Interdito e declaração de scismáticos" relativo aos adeptos do Pe. Justino, no Boletim da Diocese (1929, p. 48), com leitura pública nas igrejas paroquiais da cidade de Lamego, Penude, Arneirós, Magueija e Petrarouca, em que são feitos vários considerandos sobre os factos ocorridos e sobre a contumácia e soberba do réu, Padre Justino, que já lhe valera a pena de suspensão, concluindo por declarar cismáticos todos os que interromperam a comunhão com o pároco da freguesia, proibir a leitura dos escritos espalhados pelo Padre e lançar o interdito à capela da Matancinha, dentro da qual ninguém no futuro poderia entrar sob pena de pecado mortal.

1928, depois de - com a interdição da capela, a comunidade passou a reunir-se numa casa particular vizinha onde fazia meditação diária pela manhã e recitava o terço à tarde; aos Domingos e Sextas-feiras, o terço, meditação dos mistérios, salve rainha e ladainhas eram cantados por toda a assistência com música expressamente composta pelo maestro Saldanha Júnior, músicas essas cujos originais ainda se conservam.

Pelo ano de 1932, o Padre Manuel Gonçalves da Costa manda retirar o cruzeiro de pedra seiscentista do Senhor Crucificado, que se encontrava perto da capela, num pequeno largo a meio da povoação, para a beira da Estrada Nacional, onde permanece até aos nossos dias.

A 11 de Novembro de 1935, faleceu o Padre Justino, que se tinha recolhido ao seu casarão do Grandal, que um dia tinha sido idealizado para instalar um convento, "sede de formação de apóstolos e santos de um cristianismo renovado", indo a enterrar em campa rasa no cemitério paroquial.

Em 1935 a capela volta a abrir ao público, com sujeição à legítima autoridade do pároco de Penude.

Tipologia

Arquitetura religiosa, novecentista. Capela de planta em cruz latina, com aberturas interiores de madeira em masseira, iluminada por pequenas frestas cruciformes, rasgadas nas fachadas laterais. Fachada principal em empena, rasgada por portal em arco abatido e fachadas rematadas em cornija. Duas torres sineiras ladeiam um conjunto de sete pequenas capelas. Interior com retábulos de madeira com telas pintadas.

Características Particulares

Capela dedicada à Santa Cruz, cujo símbolo enquanto sinal de redenção e de expiação dos pecados é utilizado em quase todas as suas possibilidades na forma da planta, nos vãos, na decoração, na pintura dos interiores, com telas em forma de ícones, nos remates dos cunhais e na forma alegórica da cruz como árvore da vida, do alfa e do ómega. Inúmeras lápides contendo inscrições latinas espalham-se pelos diversos panos das fachadas. As duas torres sineiras ladeiam conjunto de 7

pequenas capelas dispostas paralelamente em espaço por detrás da capela, evidenciando vãos com molduras em forma de cruz.

Bibliografia

COSTA, M. Gonçalves da, Penude e Magueija – paróquias beiraltinas, Lamego, 1975; COSTA, M. Gonçalves da, Seminário e seminaristas de Lamego: monografia histórica; Lamego, 1990.

Observações

A planta do recinto que surge na lápide é um pouco diversa do projecto que foi concretizado, notando-se que teve uma inscrição que se encontra picada e que, segundo Gonçalves da Costa, rezaria: FORAM FUNDADORES DESTA CAPELA O P. MANUEL GONÇALVES DA COSTA, P. ALBINO ALVES PEREIRA E O P. JUSTINO AUGUSTO DE FREITAS.

O carrilhão de sinos original pertenceu anteriormente ao Santuário da Senhora dos Remédios, tendo sido oferecido à capela de Santa Cruz a quando da sua edificação.

Na planta primitiva estava prevista uma capelinha em honra do Anjo da Guarda, em frente da principal, dedicada à Exaltação da Santa Cruz, seguida de outras 7, em memória das 7 Dores de Nossa Senhora, disposta ao longo do caminho que desce até à EN, intento, no entanto, abandonado por acarretar demasiada despesa, pelo que se erigiram as 7 capelinhas na retaguarda do templo, entre as duas torres sineiras, ficando o espaço intermédio com a função de cemitério.

O requerimento da sagração, segundo as disposições canónicas, deveria ser apresentado pelo abade, sendo que em caso de se julgar inconveniente a bênção da capela, deveria o mesmo ser comunicado à prelatura. No mesmo decreto se diz que "em vista das informações do pároco e de outras pessoas e por os mais interessados terem assinado uma escritura na Câmara Eclesiástica, pela qual se obrigavam a não dar ao templo um destino diferente daquele para que fora construída, e proverem às despesas para a manutenção do culto, o Bispo relevava-os da falta de licença para a construção da obra, por estar persuadido de que o fizeram por desconhecimento da lei"; mais se regista que "a capela seria pública, em tudo sujeita à jurisdição do pároco, que nela podia exercer acções paroquiais e impedir os actos contrários à disciplina eclesiástica; os encarregados poriam à sua disposição as alfaias sempre que ele lá quisesse celebrar"; desse modo, autorizava o vice-reitor do seminário, cónego Joaquim Pereira Pedrosa e Sousa a proceder à bênção da capela e a celebrar nela a primeira missa, depois de ser lido o decreto ao povo e, no fim, lavrar-se-ia o respectivo auto assinado pelo sagrante, pároco e outras pessoas.

Autor Data

Gustavo Almeida 2002

CAPELA DE S. SILVESTRE

Quintela-Penude

Acesso

Na EN 2, ao Km 102,3 para CM 1081, perto do Centro de Instrução de Operações Especiais, para CM 1082, no Lugar de Quintela.

Descrição

Planta longitudinal simples, de volume simples e disposição horizontalista das massas, com cobertura homogénea em telhado de duas águas. Fachadas em cantaria de granito aparente em aparelho isódomo, com os cunhais firmados por pináculos piramidais e rematadas em cornija. Fachada principal, voltada a S., em empena alteada relativamente à cornija e truncada por sineira em arco de volta perfeita, rematado por cornija, pináculos e plinto de uma desaparecida cruz; é rasgada por portal em arco abatido, protegido por portas de duas folhas de madeira. Fachada lateral esquerda, virada a O., rasgada por pequena fresta rectilínea a iluminar a zona do altar-mor. Fachada lateral direita, virada a E., rasgada por porta travessa de verga recta, dintelada e por janela rectilínea na zona do altar-mor. Fachada posterior em empena com cruz latina sobre plinto cúbico, no vértice e cega.

INTERIOR

Rebocado e pintado de branco, com pavimento em soalho e cobertura em falsa abóbada de berço de madeira encerada, tendo, a ladear o portal axial, no lado da Epístola, uma pia de água benta hemisférica. No lado do Evangelho, nicho rectangular vazio e, no lado oposto, pequeno nicho em arco abatido para as alfaias. Retábulo-mor de talha pintada de azul, rosa, fingindo marmoreados, branco e dourado, de planta convexa e três eixos definidos por duas pilastras toscanas com o fuste ornado por motivo concheado e por duas colunas de duste liso e capitéis coríntios; ao centro, nicho contracurvado com moldura dourada com o mesmo perfil e acanto no remate, tendo o interior pintado de azul e mísula bojuda com imaginária; os eixos laterais formam apainelados rectilíneos, ornados com acantos e concheados e possuindo duas mísulas; remate em fragmentos de frontão encimados por anjos de culto, que centram enorme resplendor e espaldar curvo encimado por cornija; altar paralelepipedico, tendo, no lado do Evangelho, mesa de apoio e, à frente, mesa de altar em forma de urna com o frontal ornado por cartela recortadas e concheada.

Época de construção

Séc. XVII: provável construção do primeiro templo.

Em 1648 é referida, pelos visitantes, a necessidade de se proceder à reparação dos muros e telhado. A actual construção é do século XVIII, após ter caído em ruína.

Tipologia

Arquitectura religiosa, vernácula e rococó. Capela de planta longitudinal, de espaço único, com cobertura interior em falsa abóbada de berço de madeira, iluminada por janelas rasgadas nas fachadas laterais, junto ao altar-mor. Fachada principal em empena truncada por sineira de volta perfeita e remate em cornija, rasgada por portal em arco abatido. Fachadas encimadas por pináculos piramidais nos ângulos, rematadas em cornija, a lateral direita rasgada por porta travessa dintelada. Interior com retábulo-mor de talha policroma de estilo rococó, com plantaconvexa e três eixos.

Características Particulares

Capela bastante simples, revelando, nos portais, várias épocas de construção, sendo a porta travessa de verga recta, talvez de feitura anterior e a principal em arco abatido, revelando a sua construção tardo setecentista. Também as janelas apresentam perfis diferentes, a lateral esquerda na forma de fresta, talvez da primitiva construção seiscentista, e a oposta em ampla janela, rasgada, provavelmente, no séc. XIX.

Bibliografia

COSTA, M. Gonçalves da, História do Bispado e Cidade de Lamego, vols. II, III e VI, Lamego, 1979, 1982 e 1992; Dicionário enciclopédico das freguesias, vol. III, Matosinhos, 1997, p. 576.

Autor Data: João Carvalho 2002

ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO No cemitério de Penude

Junto da antiga Igreja paroquial de Penude, poucos metros a norte existia uma capela privada dedicada a S. Sebastião (tido até hoje como uma espécie de segundo padroeiro da freguesia) que despertava grande devoção e recebia abundantes esmolas dos fiéis. Esta encontrava-se, no século XVII, em estado de abandono, acabando por ser demolida em 1713. Os devotos de S. Sebastião não ficaram muito satisfeitos com a demolição da sua capela e exigiram que uma outra capela fosse erecta noutro lugar, o que veio a acontecer, antes de 1759, no sítio onde ainda hoje se encontra, isto é, no local em que, mais de 100 anos depois (em 1871), foi construído o cemitério de Penude.

Autor Data: Isidro Lamelas 2009

